

UM OLHAR COMPLEXO E PÓS-MODERNO DA MORTE DO PAPA JOÃO PAULO II E DA POSSE DE BARACK OBAMA

*Lia Hecker Luz**

Resumo

Dia 2 de abril de 2005. O mundo se vê diante de um acontecimento: a morte de Karol Wojtyła. Dono do terceiro maior pontificado de todos os tempos, João Paulo II faleceu aos 84 anos de idade. Sua morte desencadeou cenas nunca antes testemunhadas na história e um mar de pessoas desembarcou em Roma para dar adeus ao papa polonês. Dia 20 de janeiro de 2009. Esse mesmo mundo se vê diante de outro acontecimento: a posse do primeiro presidente negro dos Estados Unidos, Barack Obama. A cerimônia teve uma audiência recorde, sendo acompanhada presencialmente por 2 milhões de pessoas, num evento sem precedentes. O que moveu toda essa legião, seja na morte do papa, seja na posse de Obama? Neste trabalho, as obras de Edgar Morin, Michel Maffesoli e Jean Baudrillard serão usadas para tentar responder à questão.

Palavras-chave

Pós-modernidade - João Paulo II - Barack Obama

Abstract

April 2nd, 2005. The world sees itself ahead of a happening: the death of Karol Wojtyła. The owner of the third longest pontificate of all times, John Paul II died at age 84. His death provoked scenes never seen before. An ocean of people arrived in Rome for the Polish pope's fare well. January 20th, 2009. That same world sees itself ahead of another happening: Barack Obama, the first African-American president of the United States, take office. The ceremony had a record in public, been presently watched by two million people, in an event with no precedents. What moved all that legion of people both in the pope's death and Obama's oath? In this study, the work of Edgar Morin, Michel Maffesoli and Jean Baudrillard is used to try to answer that question.

Key Words

Post-modernity - John Paul II - Barack Obama

Neste estudo, proponho lançar um olhar pós-moderno, utilizando as obras de Edgar Morin, Michel Maffesoli e Jean Baudrillard sobre dois eventos: a morte do papa João Paulo II (em 2 de abril de 2005) e a posse de Barack Obama (em 20 de janeiro de 2009) para tentar explicar a comoção popular ocorrida nessas ocasiões.

“*O Santo Padre morreu às 21h37 [16h37 de Brasília] deste sábado em seu aposento privado*”. Antes mesmo de o Vaticano divulgar, por meio desse comunicado oficial, a morte do sumo pontífice (no dia 2 de abril de 2005) em seus aposentos, no Palácio Apostólico, milhares de pessoas já oravam em vigília na Praça de São Pedro pela alma de Karol Wojtyła. Poucos dias antes, João Paulo II, paralisado e silenciado pela doença de Parkinson, havia protagonizado uma exposição pública de dor jamais vista na trajetória

da Igreja Católica, sendo admirado por sua coragem não somente na sua saúde, como na sua doença. Mais admirável, porém, foi o que se seguiu após sua morte, ocorrida aos 84 anos de idade, 26 dos quais dedicados ao terceiro maior pontificado de todos os tempos.

As cenas que se desenrolaram entre o sábado, 2 de abril de 2005, e a sexta-feira, 8, quando o papa foi enterrado, não encontram precedentes na história. Um oceano de gente, dos mais simples aos mais poderosos, vindos de todos os cantos do planeta, afluíu a Roma para a comunhão final com o pontífice. O ritual de velório e enterro do papa se repete há mais de 700 anos, mas nunca em todo esse período havia ocorrido uma celebração de proporções àquela realizada em homenagem ao polonês.

Mais de duas centenas de delegações

estrangeiras, 70 presidentes e primeiros-ministros, quatro reis, cinco rainhas compareceram à despedida do papa. Foi a primeira vez que um presidente norte-americano compareceu a um funeral no Vaticano, além disso apareceu acompanhado de outros dois ex-presidentes. Parte dessa mobilização pode ser creditada ao caráter universal da igreja, que ainda contabiliza mais de 1 bilhão de fiéis no mundo. A cobertura ininterrupta dos meios de comunicação teve sua contribuição, mas o que se viu foram manifestações contínuas e espontâneas de populares.

Em sua morte, João Paulo II tornou-se ainda maior do que fôra em vida. Foi enterrado sob um brado unânime de “santo, santo, santo”, como um mito. E o mito, afirma Edgar Morin (2003), nasce de algo muito profundo no espírito humano, inflamado pelo mistério da existência e pelo abismo da morte. Em vida, Karol Wojtyła era a representação de uma paz possível, a expressão de solidariedade e bondade. Era o representante do mistério da criação da vida, da redenção dos pecados. E, segundo Morin (2003), a certeza da morte, ligada à incerteza de sua hora, é uma fonte de angústia para a vida. É a força motriz que move as pessoas.

Cerca de quatro anos mais tarde, o mundo veria outro mito ser ungido por uma massa: Barack Obama, o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Às 15h (horário de Brasília) de 20 de janeiro de 2009 pessoas de diferentes raças, credos e nacionalidades pararam o que estavam fazendo para assistir a história mudar de rumo e ao sonho de Martin Luther King, de igualdade entre brancos e negros, se aproximar da realidade.

Pela primeira vez, a nação mais poderosa do planeta, os Estados Unidos, empossou como presidente um homem negro, pobre e filho de estrangeiro. Filho do queniano Barack Obama e da norte-americana Ann Dunham, Barack Hussein Obama Jr. passou parte da infância no Havaí e na Indonésia. Em seu primeiro discurso oficial, o 44º presidente norte-americano subiu à tribuna do Capitólio, lar do Congresso e do Senado, para, durante 20 minutos, falar a cristãos, judeus, muçulmanos e descrentes, num discurso que ditou a reconciliação da América com o mundo, unificando o planeta.

Ao todo, foram cerca de 2 milhões de pessoas que enfrentaram o frio e lotaram o Washington Mall, que se estende por cerca de três quilômetros desde o Capitólio até o Memorial Lincoln, no Rio Potomac, e pela Avenida

Pensilvânia até a Casa Branca, para assistir à cerimônia. Não é de se admirar que o mundo, desprovido de grandes ideais e sonhos, tenha parado para acompanhar a agonia, a morte e a despedida de João Paulo II, assim como a posse de Obama, do novo mito, do novo herói. Nunca houve um velório, um enterro e um derradeiro adeus como os de Karol Wojtyła, tampouco uma eleição, uma posse e um louvor como os de Barack Obama. Foram diversas etapas no ritual fúnebre e no ritual de posse, todas com um forte componente de arcaísmo.

Os ritos, afirma Morin (2003), fazem parte do nosso dia a dia. Estão nos gestos, nas palavras de pacificação, nos apertos de mãos, nos abraços, nas fórmulas de cortesia, de respeito. Na despedida. Obama representa a possibilidade de um mundo melhor. Wojtyła foi a expressão de um mundo melhor. Era o papa dos jovens. Ensinou a eles a comungar, a viver, a ser. Ensinou a salvar aquilo que Morin chama de Terra-Pátria.

Aprender a ser é aprender a viver, a partilhar, a comunicar, a comungar; é isso que se aprendia nas e pelas culturas fechadas. Precisamos doravante aprender a ser, viver, partilhar, comunicar e comungar enquanto humanos do planeta Terra. Não mais apenas a ser uma cultura, mas a ser terrestre (Morin e Kern, 2003, p. 177).

Para o autor, todos os humanos sofrem a situação agônica da transição do milênio, estão ameaçados pela morte nuclear e pela morte ecológica. Morin acredita, dessa forma, ser preciso fundar a solidariedade humana não mais numa ilusória salvação terrestre, mas na consciência dessa situação agônica de início de milênio.

Wojtyła foi papa no milênio passado. Transitou para o novo milênio. Representava a solidariedade possível. Já Obama nasce como a esperança desse novo milênio, marcada, no seu início, pelo terrorismo e por guerras étnicas e religiosas. Afinal, oito anos após sofrer o pior atentado de sua história – o ataque às torres gêmeas do World Trade Center em 11 de Setembro de 2001 –, os norte-americanos comprovam que amadureceram em questões como a discriminação racial, o medo do terrorismo e a crença no poder militar, para darem início ao que esperam ser uma nova era sob a liderança de Barack Hussein Obama. Com ele, a música vai mudar. O processo vai mudar. Os rostos ligados à diplomacia

americana vão mudar. As pessoas nos outros países vão dar aos Estados Unidos o benefício da dúvida.

Mas, afinal, o que movia todo aquele mar de gente? Catarse coletiva, comoção, fé, respeito, afeto, crença, a sensação magnífica de participar de um momento histórico? Ou quem sabe o desejo de fazer parte de algo maior, de integrar-se a uma experiência espiritual tão distante das realidades cotidianas, desprovidas das grandes utopias e sonhos?

Para Morin (2004), a compreensão humana é um tipo de conhecimento que necessita de uma relação subjetiva com o outro, de simpatia. É a projeção, a identificação, como ocorre quando se simpatiza com os personagens ao se ir ao cinema ou se ler um romance. Na compreensão, reforça Morin, há sempre um componente afetivo. E a afetividade é o cimento da comunidade, alimentando um sentimento de apego quase filial à tribo, à etnia, à pátria, ou à Terra-pátria. A Terra-pátria perdeu o papa. A Terra-pátria ganhou um presidente.

Na vida de prosa, onde a racionalidade impera, a despedida de João Paulo II e a chegada de Barack Obama à presidência norte-americana se constituem poesia. O estado poético, define Morin, é um estado de emoção, de afetividade. Realmente um estado de espírito, e que pode ser alcançado por diversos caminhos, entre eles os espetáculos de massa, que suscitam exaltação e provocam frenesi. Exatamente como os jogos circenses (entre os romanos), o hipódromo (entre os bizantinos), a morte de João Paulo II (aos católicos e mesmo aos não-católicos), a eleição de Obama (aos norte-americanos e aos não norte-americanos) ou como as grandes competições esportivas e os grandes concertos públicos.

O calor coletivo de uma comunidade alivia as aflições individuais, afirma Morin. As comunidades renascem sem parar sob múltiplas formas, inclusive as formas temporárias do tribalismo indicadas por Maffesoli, diminuindo a forte angústia existencial do ser humano e temperando as suas tragédias. Para Maffesoli, a comunicação é cimento social. Melhor dito, é a cola do mundo pós-moderno, “uma forma de reencarnação do velho simbolismo, simbolismo arcaico, pelo qual percebemos que não podemos nos compreender individualmente, mas que só podemos existir e compreendermo-nos na relação com o outro” (2004, p. 20).

Chorar sozinho pela morte do papa ou

emocionar-se na solidão pela posse de Obama, então, é como se a dor ou o regozijo fizessem menos sentido. Chorada em conjunto, a dor parece mais real. Sentida na coletividade, a alegria parece, também, mais real. Compreender, afirma Maffesoli, é vibrar, seja na dor ou na alegria. No sentido etimológico da palavra, significa pegar com, tomar junto, reunir, abordar o mundo na sua totalidade, abrir-se aos outros. E essa forma de vibração remete essencialmente à comunicação.

A palavra comunicação serve também para encarnar o retorno dessa velha ideia de se vibrar com os outros em torno de alguma coisa, seja qual for essa coisa. Comunicação e informação descrevem um *modus vivendi* característico da pós-modernidade, assegura Maffesoli. A comunicação, antes de tudo, remete ao estar junto, a fazer parte.

Talvez algumas daquelas pessoas não estivessem ali tanto pela fé ou pela esperança, mas pelo desejo de se sentirem parte de algo, de estarem “junto” naqueles momentos de dor e de alegria, respectivamente, de compartilharem algo em comum. O papa, com sua morte, assim como tentara fazer em vida, transformou o planeta Terra em uma grande tribo. Todos, de repente, sentiram-se parte de um mesmo mundo, de uma aldeia global, sentimento esse que voltou à tona com a eleição e a cerimônia de posse de Obama.

Segundo Maffesoli, por mais que possa incomodar e horrorizar os críticos, o fato é que as pessoas não querem somente informação na mídia. Elas buscam também se verem, se ouvirem, participarem, contarem o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem vivem. A informação, mesmo aparentemente desprovida de valor, serve de cimento social. As pessoas, encantadas pelos rituais, queriam saber como e quando o papa seria enterrado, mas também quem era, de onde vinha e porque estava ali. Desta forma também ocorreu quatro anos depois, quando milhares de pessoas passaram frio para ver Barack Obama mudar a história, ao ser jurado no cargo de presidente dos Estados Unidos.

Afinal, diz Maffesoli, mais do que saber se Obama vai terminar o embargo de Cuba ou não, o leitor quer saber de coisas muito menos sérias, mas não menos importantes para a coesão social. Era importante, sim, saber e especular sobre o futuro papa, por exemplo, mas também sobre os gaúchos, os brasileiros que participaram da vigília ou que foram a Washington acompanhar a cerimônia de posse.



“A sociedade da informação, portanto, pode até fazer crer que o mais importante são os seus jornais, televisões e rádios, mas no fundo o que conta é a partilha cotidiana e segmentada de emoções e de pequenos acontecimentos” (2004, p. 23). O essencial está em reconhecer-se, em ver-se, em fazer parte de uma comunidade. O público absorve, do conjunto de informações, aquilo que faz vibrar e que estabelece comunidade.

O falecimento de João Paulo II e a posse de Barack Obama transformaram a aldeia global em uma comunidade. Todos, no primeiro momento, estavam em luto, entendiam a dor e o pesar do próximo, circundavam o mesmo totem. Depois, todos estavam em êxtase, circundando outro totem. E a informação e a comunicação, no sentido da partilha de emoções e de sentimentos, só podem dirigir-se a tribos que comungam em torno de um totem. A comunicação é a forma contemporânea de exprimir essa velha forma de comunhão. “Comunicação e informação não passam de modalidades de uma mesma forma global, a de relação, do estar junto, do contato social” (2004, p. 25).

Comunicar quer dizer estar junto, estar em relação, estar em vibração comum. Ou, ainda, sentir a mesma dor junto, a mesma alegria. Entender o pesar ou o regozijo do próximo. O imaginário é a partilha, com outros, de um pedacinho do mundo. A informação serve para fornecer elementos de organização do puzzle de imagens dispersas.

Segundo Maffesoli, em princípio a pessoa olha um telejornal para informar-se, mas, usualmente, toma-o como um espetáculo, um jogo de imagens. Comenta os assuntos, as notícias, com os amigos, no dia seguinte, no elevador, no cafezinho. A informação talvez nada tenha mudado em sua vida ou não tenha tido nenhum valor efetivo, operacional, mas serviu de elo, de motivo para estar com outro, de assunto, de laço social. A informação permitiu que ele sáísse do mundo de isolamento para fazer uma parte de uma realidade em comum. Por mais que o sumo pontífice fosse um ídolo aclamado ou Barack Obama a promessa de um, parte da multidão se uniu para ter essa sensação: participar de uma realidade em comum, em comum entre centenas de milhares de pessoas.

Os jornais, as emissoras de rádio, a televisão, a internet, todos fornecem torrentes de material, mas cada um absorve aquilo que faz sonhar, que está em sintonia, estabelecendo-se

uma comunidade espiritual, um grupo virtual de afinidades. Certas cenas tocam o coração, atingem o estômago, provocam reação. As cerimônias fúnebres do papa e a pomposa posse de Obama promoveram reações capazes de fazer até mesmo os descrentes, religiosos ou políticos, amaciarem. Essa vibração cria comunidade.

Mesmo no jornal *Le Monde*, talvez o mais sério e intelectualizado da imprensa francesa, a seção mais lida é a dos necrológicos, salienta Maffesoli. Isso porque as pessoas querem estar em dia com o fluxo da vida. Ainda mais que neste jornal são publicadas as notícias de morte de pessoas que integram certo círculo social, como os intelectuais, os políticos, os professores universitários. Já num jornal gaúcho, despontam as seções de coluna social, por exemplo. As pessoas querem saber com quem fulano ou cicrano casaram-se, onde foram passar as férias ou jantar na noite anterior, por exemplo.

No *happy hour*, à mesa, ou no elevador, o assunto, além do tempo, será “fulano morreu”, “cicrano casou-se”. E durante aquela primeira semana de abril de 2005 e em meados de janeiro de 2009, o assunto em todos os cantos, em todos os horários, entre todas as pessoas era sempre o mesmo: João Paulo II e Barack Obama, respectivamente. A comunicação é divertimento, pois permite constituir as comunidades que fertilizam a vida e fazem esquecer provisoriamente a morte (2004, p. 28). Falar da morte de João Paulo II e da eleição e posse de Obama anestesiou, ao menos por um instante, as pessoas do pensamento da própria morte.

Grandes funerais da era contemporânea têm provocado esse efeito cascata, em que reservas insuspeitas de emoção popular são desatadas pela morte de figuras de grande projeção, realimentadas pela cobertura contínua da mídia. E a imprensa tinha inúmeras imagens a reprisar. João Paulo II visitou nada menos que 129 países. Somando todos os dias em que viajou durante seu pontificado de 26 anos, ele passou mais de dois anos fora do Vaticano.

Karol Wojtyla foi um papa pop. Ora, foi também um papa gaúcho, europeu, indiano, asiático. Numa pesquisa na década de 90, foi considerado o rosto mais conhecido do mundo. Pudera, em 1995, nas Filipinas, rezou uma missa para 5 milhões de pessoas. Nunca ninguém havia reunido tantas pessoas de uma só vez. João Paulo II deixa como herança o aperfeiçoamento do uso da comunicação de massa pela Igreja Católica.

Quando Morin (2004) fala de mundialização ou de globalização, fenômenos que se tornam centrais nos últimos dez anos do século XX, o autor percebe o papel relevante exercido pelo desenvolvimento extraordinário dos meios de comunicação. Já para Baudrillard (2002), não pensamos o virtual, somos pensados pelo virtual. Não podemos nem imaginar o quanto o virtual já transformou todas as representações que temos do mundo.

O grande precursor, o iniciador da realidade virtual do imaginário tende a dominar, hoje, todo o universo real, para integrá-lo no seu universo de síntese, sob a forma de um imenso *reality show*, no qual a própria realidade dá o espetáculo, onde o real mesmo se torna um parque de atrações (Baudrillard, 2002, p. 106).

Baudrillard utiliza o exemplo da CNN e o da guerra do Golfo para explicar seu pensamento: é o protótipo do acontecimento que não existiu porque ocorreu em tempo real, na instantaneidade da rede televisiva. Hoje, satiriza Baudrillard, Disney poderia muito bem retomar a guerra do Golfo como atração mundial.

O papa morreu quando ainda estava vivo. A CNN noticiou seu falecimento com praticamente 24 horas de antecedência. E, se a rede televisiva assim dizia, então era verdade. A notícia da CNN era praticamente como um comunicado oficial. O vício está no fato, já assinalado por Umberto Eco, de que os meios de comunicação remetem uns aos outros, e só falam entre eles, lembra Baudrillard. E mais: a interatividade nos ameaça de toda parte. Por tudo, se junta o que estava separado; a distância é abolida: entre os sexos, entre os pólos opostos, entre o palco e a platéia, entre os protagonistas da ação, entre o sujeito e o objetivo, entre o real e o seu duplo (Baudrillard, 2002).

A excessiva proximidade do acontecimento e de sua difusão, em tempo real, cria a virtualidade do acontecimento, que lhe retira a dimensão histórica e o subtrai à memória. Há muito tempo que a informação ultrapassou a barreira da verdade para evoluir no hiperespaço do nem verdadeiro nem falso, pois que aí tudo repousa sobre a credibilidade instantânea. Até a CNN ser desmentida, ou melhor, desmentir a informação, o papa estava morto. Ressuscitou das palavras da rede. Conforme Baudrillard, lançada a

informação, enquanto não for desmentida, será verossímil.

Para um acontecimento único, como a morte do Santo Padre e a posse de Obama, exige-se uma reação única, imediata e incontestável, que utilize essa energia potencial. Quando um acontecimento ocorre, provoca como que um efeito de sucção, de bomba de absorção que asfixia todos os acontecimentos futuros. De maneira que apaga não somente tudo o que lhe precedeu, mas também tudo o que virá depois dele. Portanto, jamais haverá um 2 de abril como o de 2005 novamente, nem um 20 de janeiro de 2009. Nem uma morte como a de João Paulo II, nem uma posse como de Barack Obama.

NOTAS

* Professora do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Email: lia.luz@acad.pucrs.br

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mitos-ironias do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). In: **A genealogia do virtual. Comunicação, Cultura e Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2004, pp. 20-32.

MORIN, Edgar. **O método 5 - a humanidade da humanidade: a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). In: **A genealogia do virtual. Comunicação, Cultura e Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2004, pp. 11-19.

MORIN, Edgar e KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.